

## **PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA MEMÓRIA DE NORMALISTAS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO ASSIS BRASIL (PELOTAS-RS) DURANTE OS ANOS DE CHUMBO DO REGIME CIVIL-MILITAR BRASILEIRO**

Tânia Nair Alvares Teixeira  
Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)  
[tanielvares@yahoo.com.br](mailto:tanielvares@yahoo.com.br)

Patrícia Weiduschadt  
Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)  
[prweidus@gmail.com](mailto:prweidus@gmail.com)

Na década de 1960 a sociedade brasileira assistiu a uma série de articulações autoritárias, arbitrarias e perseguidoras que culminaram na implantação do Regime Civil-Militar, período marcado pela cassação de direitos políticos, censura aos meios de comunicação, repressão dos movimentos sociais e uso de métodos como tortura aos opositores do regime (FICO, 2004). Decerto é que tal contexto social, político e militar exerceu influência no campo educacional, de modo que, nesta comunicação, buscamos compreender como se deram as práticas pedagógicas realizadas nas aulas de Educação Física no Instituto de Educação Assis Brasil, de Pelotas-RS com as alunas do curso Normal durante a década de 1970 – período de maior repressão –, a partir da memória das normalistas. Tomamos como ponto de partida para a discussão a reforma educacional 5.692/71- LDB (Lei de Diretrizes e Bases) que produziu significativas alterações no processo de formação de professores. Tais diretrizes são vistas como efeitos das mudanças sociais daquele tempo e também das feições políticas do regime de governo. Durante a ditadura civil-militar brasileira houve períodos de maior e de menor abertura política. Por exemplo, de 1968 a 1974, os chamados Anos de Chumbo, o país passou por momentos de maior violência, arbitrariedade e autoridade, abrindo aos poucos a partir dos anos 1974-1979 (GASPARI, 2014). Na década de 1970 foi programada uma educação tecnocrática com valorização das práticas esportivas como fenômeno de massa, enaltecendo-a como meio educativo e também como de espetáculo. A Educação Física passa, então, através de um cenário de interesses, a ganhar diferentes contornos. Assim, a disciplina passou a ser competitiva, onde era incentivada nas práticas escolares a esportivização, uma vez que era percebido que jovens enquadrados nas regras esportivas e bem treinados poderiam ser desviados das aspirações políticas subversivas. Diante desse contexto, estamos investigando, através das narrativas de alunas e professoras da época, bem como da análise dos documentos preservados na instituição (diários de classe, atas, regimento da escola, álbum de fotografias), além das leis e decretos, em que medida essas práticas pedagógicas carregaram, ou não, as marcas da imposição dos governos ditatoriais da época. As memórias das normalistas e a documentação escolar e legislativa estão nos auxiliando a compreender como eram realizadas as práticas pedagógicas de Educação Física e quais os significados eram atribuídos a estas práticas no IEAB. Como aporte teórico estamos nos

valendo de autores como: Fico (2004), Castelanni Filho (2013), Marinho (1979), Taborda de Oliveira (2003), Vago (2010) e Oliveira (1983). A partir dos pressupostos teórico e metodológico que operam com a História Oral, percebemos que as memórias das normalistas sobre as práticas escolares da disciplina de Educação Física, no período analisado, demonstram o controle das alunas através do disciplinamento do corpo.

Palavras-chave: Ensino de Educação Física; Memórias; Práticas pedagógicas; Instituto de Educação Assis Brasil.